



Na feira dos artesãos, o freguês encontra de tudo

Feira dos artesãos, onde vale pechinchar

Para quem se encontra no plano mais alto da Rodoviária velha, a feira dos artesãos, sob a proteção da Torre, faz lembrar uma favela colorida de roupas penduras num varal por causa das toscas lonas colocadas na parte dos fundos das barraquinhas, dificuldade encontrada pelo fotógrafo Pedrosa para fazer uma tomada de efeito bonito na grande angular de sua Nikon. De perto o cenário se modifica bastante, as barracas dispostas em linha simétrica, o público transitando nos improvisados corredores, os mais interessados pechinchando pequenos abatimentos em geral concedidos.

— “Vai gravar o nome numa chapa de carro, moço”?

Na feira da Torre, que funciona há 11 anos, há de tudo para se ver e comprar na base de preços razoáveis que variam de 300 cruzeiros por um bibelô de metal a 10 mil cruzeiros por um casacão de couro “legítimo”. Nos preços intermediários podem ser encontrados sapatos de couro puro, bolsas de pano, rendas, brincos e pulseiras para todos os gostos, quadros a óleos reproduzindo cenários bucólicos, entalhamento em madeira que o artista garante ser de Mórgano, falsas cobras do deserto com os camelôs assustando as crianças e até flechas de índios o visitante pode levar de lembrança.

No lado oeste do pé da Torre amontoam-se as barraquinhas que deveriam vender comidas típicas brasileiras, mas que de tipicas mesmo só vendem o acajá, a pamonha, o caldo de cana e os cocos verdes que podem ser encontrados em vários locais das Asas Norte e Sul.

— Muito turista deixou de vir aqui por causa desses farinhais... — desabafa um dos mais antigos vendedores da feira.

que pede para não ser identificado “senão eles quebram a minha barraca”.

Por sua vez, uma visitante com sotaque nortista reclama:

— “Ouvi dizer que aqui tinha comida típica e não tem nada. Vim aqui pra tomar um bom tacacá paraense ou comer uma maniçoba e não encontrei foi nada...”.

Mas a administração da feira, que está sob a tutela da Secretaria de Serviços Sociais, não pode mesmo tomar conhecimento das reclamações dos turistas porque está praticamente confinada numa pequena sala no subsolo da base de cimento armado, por onde se desce por uma escada estreita e suja em formato de caracol, onde o administrador Edgar Novais explica ao repórter a distribuição de espaço aos 698 artesãos:

— “Todos são devidamente cadastrados, sendo que os artistas plásticos precisam fazer um teste especial na Fundação Cultural. O espaço que cada um recebe varia com seu ramo de atividade, sendo o mínimo de dois por dois. As barracas de artesãos de couro recebem até três desses quadrados”.

Explica que a procura de artesãos de outros Estados é muito grande “porém a gente controla os espaços deles pra não prejudicar os nossos artistas, que em geral vêm das cidades-satélites, principalmente de Taquatinga. O artista visitante tem direito de expor de seis em seis meses, quer dizer duas vezes por ano”.

Neste mês já expuseram 60 artesãos de fora, 44 só do Ceará. E o administrador explica que os artesãos da Torre se entendem às mil maravilhas.

— “Briga aqui quase não acontece, todo mundo aqui vive em perfeita harmonia”.